



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



25

Discurso na solenidade de lançamento do ano da educação – 1996

MINAS CENTRO, BELO HORIZONTE, MG, 4 DE MARÇO DE 1996

Senhor Governador do Estado de Minas Gerais, meu amigo Eduardo Azeredo e Dona Luiza; Senhor Ministro da Educação, Paulo Renato Souza; Senhores Ministros; Senhores Governadores; Altas Autoridades de Minas Gerais; Senhores Parlamentares; Senadores; Deputados; Vereadores; Deputados Estaduais; Senhores Presidentes de Assembléias; Senhores Prefeitos; Senhor Prefeito de Belo Horizonte, Patrus Ananias, que está lá discutindo um assunto mais pontual e espinhoso, que é a greve; Senhores Secretários de Governo; Senhores Empresários; Senhores Representantes de trabalhadores; Senhoras e Senhores;

Eu queria, hoje, começar fazendo algumas homenagens. Não é o meu estilo, mas há dias que realmente requerem uma atitude de respeito àqueles que lutam para a modificação do Brasil no caminho da democracia e no caminho de uma maior consciência cívica, que depende da educação. Começo por Minas Gerais.

Lembrou o Ministro José Serra que foi aqui de Minas que eu comecei a caminhada para chegar à Presidência da República. Isso é um fato partidário e pessoal, mas Minas tem raízes anteriores a isso nesta

área e na área do respeito que o Brasil lhe tributa, e é difícil escolher, quando se pensa em homenagear este Estado, a quem homenagear, a quem simbolizar, tantos são os símbolos grandiosos de Minas.

Eu me permitiria dizer o *slogan* do Governador: “O futuro é mineiro.” O futuro é brasileiro; é mineiro e é brasileiro. E o futuro está presente através do Governador Eduardo Azeredo, que nos brindou com um discurso cheio de conteúdo.

Mas eu gostaria de fazer algumas outras menções mineiras neste dia. Hoje, se estivesse vivo, completaria, creio eu, 86 anos um grande brasileiro que nasceu em Minas. Rendo a ele minhas homenagens. Tenho certeza de que, se ele estivesse no exercício da Presidência, se tivesse tido a chance, teria enveredado pelos caminhos da educação – Tancredo Neves.

Assim como o Governador Eduardo Azeredo, ao mencionar o esforço que está fazendo, não esqueceu que esse esforço não começou hoje, eu gostaria de dizer que também o que nós estamos fazendo tem antecedentes, tem vários antecedentes, alguns mais remotos, aos quais já me referirei. Mas eu seria injusto se, não mencionasse a ação, no Ministério da Educação e no Governo do Presidente Itamar Franco, sobretudo na descentralização, que o Ministro Hingel levou adiante.

Mas eu gostaria de ir além. Gostaria de recordar outros mais remotos. Quando recebi aqui, hoje, este manifesto que diz “A Nação convocada” – e li os nomes que o assinam –, muito amplo, com a participação de vários setores da sociedade, várias filiações filosóficas, partidárias, eu me recordei de outras eras mais antigas, nas quais havia batalhadores pela educação que não puderam nunca dizer o que está dito aqui: a Nação convocada. Eles diziam: “Manifesto à Nação”, “Eu convoco a Nação”, “Nós convocamos a Nação”. A Nação ainda não estava convocada. Mudou. E eu me recordo de Anisio Teixeira, de Fernando de Azevedo, de Florestan Fernandes, de uma conjunto de brasileiros que dedicaram muito de suas vidas para que um dia nós pudéssemos ter a Nação convocada, para que um dia o problema da educação deixasse de ser apenas dos educadores, de um punhado deles. Quantas vezes, em campanha pelo ensino básico, pela escola

pública, nós nos juntamos todos nessas lutas. Mas era alguma coisa que ainda ficava restrita demais ao âmbito da Universidade, ao âmbito da escola primária e secundária, ao âmbito dos pedagogos e educadores, para poderem aqueles que assim procediam assistir ao que assistimos hoje: a Nação inteira convocada.

O “Desperta Brasil, é hora da educação, é hora da escola” é uma realidade. E, ao dizer isso, depois de ter mencionado alguns, e alguns apenas, daqueles que tanto lutaram no Brasil para que o Brasil avançasse na área educacional, tenho que fazer um agradecimento muito especial aos Governadores que aqui estão. São muitos Governadores, de várias partes do Brasil, de várias afiliações. Talvez aquele que me tenha entusiasmado de início para que enveredasse com mais ênfase na educação tenha sido o Governador Cristovam Buarque, que aqui está presente e é de Brasília. Não foi o único.

Já vi na Granja do Torto, quando nos reunimos há algum tempo para discutir educação, a presença maciça dos Governadores e agora vejo outra vez aqui. Isto é um fato inédito; é um fato inédito estamos todos juntos pensando no País, unidos por valores, unidos pela democracia, para fazer com que haja uma melhor participação da sociedade, para que a educação não seja privilégio e para que, efetivamente, possamos, em conjunto, atuar para mudar o Brasil.

Agradeço aos Governadores. Sei, porque sei de perto, o quanto eles têm lutado. Olho para o Governador de São Paulo, já o vejo ali e sinto as dificuldades que está enfrentando. E me lembro que, na Bahia, para mostrar ao Brasil que educação é prioridade mesmo, fui a Santa Maria da Vitória – lá estava o Governador – dar uma aula numa escola primária e mostrar que fundamental é o ensino de base.

Esses Governadores que aqui estão empenham-se em seus cargos, em momento de transição do Brasil, lutando contra muita dificuldade: dificuldade financeira, incompreensão corporativista, clientelismo, má compreensão muitas vezes, mesmo nas áreas políticas, e sofrendo as críticas, às vezes as mais superficiais, por parte daqueles que são, como disse o Governador Eduardo Azeredo, os profetas, os torcedores do caos. Mas não ganham. O Brasil já esteve na beira do

abismo tanto tempo, que ninguém acredita mais nisso: é muitíssimo maior que qualquer abismo, porque tem um povo grandioso.

Governadores como estes que aqui estão – aos quais agradeço sinceramente a presença aqui, o apoio que estão dando e a maneira como estão enfrentando esses momentos de mudança do Brasil –, cada um naturalmente terá sua circunstância, e não será o Presidente a fazer qualquer reparo contra a circunstância, que naturalmente o Presidente tem que entender. Mas devo dizer de público ao Brasil: temos contado, os brasileiros, com um grupo excepcional de Governadores.

Disse aqui o Ministro Paulo Renato que, hoje, a ação educativa não pode ser mais pensada como a ação apenas no nível federal, não pode também ser só no nível estadual. A base, sobretudo a escola primária, está no município.

Agradeço aos Prefeitos que aqui estão. Sei também que há muitos Prefeitos dando exemplos de modificação de mentalidade. Nós estamos, de fato, mudando o Brasil.

Li recentemente, ou ouvi referência pela mídia, melhor dito, a um relatório do Banco Mundial, onde se dizia o que já sabemos e que dissemos sempre: que o problema hoje não é só de recursos, ou não é tanto de recursos quanto da boa aplicação desses recursos; e que o fundamental hoje seria fazer com que os recursos da área social – que, freqüentemente, em forma desigual, vão para as camadas mais ricas – passassem a ir para as camadas mais pobres. É o que estamos fazendo, e só podemos fazê-lo porque temos Governadores, Secretários de Educação e Prefeitos, em nível municipal, professores e diretores de escola que entenderam o processo; e pais de alunos; que estão mudando o Brasil.

Nós estamos, sem demagogia, quebrando as teias do clientelismo, com o apoio dos políticos. Isso é novo no Brasil.

Também quero prestar agora, aqui, um depoimento. O Ministro Paulo Renato, no seu afã extraordinário de dar um rumo democrático vigoroso à educação no Brasil, contou com o apoio do Congresso Nacional. E eu seria injusto se não mencionasse pelo menos dois nomes, além do de Florestan Fernandes que já mencionei, daqueles que

desde antes, e outros ainda hoje, no Congresso, estão nos ajudando nesta nova visão.

Do passado, há um homem que hoje está fora das lides parlamentares, mas eu quero mencioná-lo, porque sempre foi símbolo da escola primária, que é o João Calmon: muitas vezes, até mesmo contrariando a boa técnica orçamentária, nos forçava a iluminar a questão educacional.

Mas há um outro a quem quero render uma homenagem muito particular, porque, sem sua ajuda, não teríamos podido fazer o que foi feito ultimamente, que foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, aprovada no Senado. É uma pessoa à qual o Brasil muito deve, que se chama Darcy Ribeiro – mineiro também, brasileiro como todos nós, homem de fibra extraordinária, que teve a capacidade, que é fundamental, de não envelhecer, em qualquer aspecto, inclusive físico, porque luta para manter-se ativo. Mas, talvez por causa de uma outra luta que ele trava, ele – que tem um espírito jovem e não se deixa curvar ante interesses menores ou qualquer interesse corporativo, como esse que quer incrustar na Lei de Diretrizes e Bases aquilo que pode parecer às vezes uma vantagem, mas não é para o conjunto: é em detrimento do conjunto –, ele, Darcy, nos ajudou a fazer uma Lei de Diretrizes e Bases que permite efetivamente uma educação moderna e avançada para todo o Brasil.

O Congresso ajudou, e eu agradeço ao Congresso. Quero dizer que vejo aqui líderes empresariais e ouvi o que disse o Ministro Paulo Paiva e o Ministro José Serra, com tanta propriedade, sobre a natureza do desafio que estamos enfrentando hoje na área educacional: se não fosse a ação conjunta também com os empresários, não iríamos ter forças suficientes para fazer aquilo que é o óbvio. E o óbvio é fácil de dizer, mas às vezes é muito difícil de ser transformado numa coisa que o deixe à margem. “Era tão simples e não se fez.” Pois bem. Muito simples, parece, fazer o que estamos nos propondo e fazendo já, mas não o faremos senão com a ajuda também dos empresários, também dos sindicatos e, sobretudo, do conjunto da sociedade civil.

Não é fácil, eu sei disso, mas estamos fazendo. Quando tomei posse diante do Congresso Nacional, eu disse que não teria temor de colocar a mão em vespeiro. Algumas abelhas me picam, às vezes são até marimbondos, mas nós sabíamos que seria assim. Sabíamos que seria assim e nunca nos restringiu o temor das dificuldades. Eu disse uma outra coisa naquele momento. Eu disse também que não cederia ao interesse particular, que ficaria sempre com a maioria. Muitas vezes o interesse particular grita na porta, mas eu tenho que pensar, não em quem está gritando na porta, tenho que pensar na maioria do Brasil e que qualquer decisão que o Governo tome vai ter repercussão, não para aqueles que eventualmente se organizam para pedir algo – pode ser até justo, e aí será atendido; mas as repercussões têm que ser medidas.

É verdade, colocamos a mão em muitos vespeiros. A herança é pesada, não é de uma pessoa, não é de um Governo – não acuso ninguém –, é da nossa sociedade, a nossa sociedade que distorceu tanto. Veja-se ainda agora o sistema financeiro. O Governo hesitou. Que Governo não teria hesitado? Qual não hesitou? Quem não enfrentou? Quem enfrentou, depois de ter controlado a inflação, a necessidade de ir mais fundo e criar condições para que o futuro também seja próspero?

E a Previdência. Acaso isso vai beneficiar o Governo atual? De forma nenhuma. As mudanças que estão sendo propostas terão efeito no futuro. Nem por isso deixamos de estar com todo o ardor discutindo, apoiando e pedindo e contribuindo dentro das nossas limitações, mas com muita energia, para que o Brasil se transforme.

Citei dois exemplos, citaria muitos outros.

Muitas vezes se confunde e se pensa que problemas atuais que o Governo está mostrando, trazendo à luz: “Olha aqui, está podre”. E dizendo: “Eu não entro nessa podridão, eu vou corrigi-la, são problemas deste Governo” – como alguns, os mesmos de sempre, procuram fazer crer ao País. Não. Este Governo não teve foi o receio de enfrentar os problemas, por mais delicados que eles venham a ser e até mesmo por mais doídos no coração de cada um de nós. Enfrentamos, não com

arrogância, não com a pretensão de imaginar que sabemos as soluções ou que não temos nenhuma responsabilidade porque somos Governo. Assumimos as que temos. Enfrentamos discutindo, negociando e levando ao Congresso. E essa é a novidade do Brasil.

Ao ouvirmos agora, hoje, aqui, o discurso do Ministro Paulo Renato, o do Governador Eduardo Azeredo e os dos Ministros Serra e Paulo Paiva, vemos que há outro tom. Nós não precisamos alçar a voz, não precisamos da demagogia, nada disso. Basta a compreensão da situação, a sua exposição clara e a definição do rumo para que ela mude. Isto é um novo tom do Brasil: não é o tom de voz, não são os alto-falantes, não são nem os apitos, nada. O que muda é a cabeça, o que muda é o coração, o que muda é a firmeza e a sinceridade.

Devo lhes dizer que tenho muita satisfação de, ao olhar em torno do meu Ministério, ver quase todos os professores, quase todos, gente que conhece a realidade do ensino, a realidade da vida e que sabe que o professor, para poder olhar o aluno, para poder encarar sua platéia com tranqüilidade, tem que ser decente. É gente simples, é gente honesta, e isso é algo também novo. Não vem deste Governo, não temos nenhuma exclusividade nesta matéria, mas nos orgulhamos de dizer: é um Governo decente, composto por gente honesta, apoiado por gente decente, como os que aqui estão, para fazer um Brasil sério para o povo brasileiro. E isso muda. Isso muda, e muda muito. É por isso que não temos o que esconder, é por isso que não tememos arreganho algum.

É por isso que só há uma instrução dada aos Ministros e àqueles que trabalham comigo. Digam as coisas, debatam, argumentem, lutem. Não se encolham ao primeiro grito. O grito não significa razão, e, no mundo de hoje, ou se tem argumento, ou o grito se perde; não é um clamor, não é uma exigência profunda: é um arreganho, é um desespero que às vezes ocorre num ou outro, um destempero – e não cabe a nós entrarmos no destempero. Cabe a nós o contrário: seguirmos o nosso caminho, que é o caminho do convencimento, do argumento, da razão e da democracia. E para isso a educação é fundamental.

Não vou repetir o que já foi dito. O que nós nos propusemos fazer estamos fazendo. São coisas palpáveis na educação brasileira. Os efeitos são de longo prazo, mas quem pensar só nos efeitos para o seu mandato se exaure buscando glória e vai encontrar dissabores. Não é nisso que temos que pensar: temos que pensar, se me permitem dizer alguma coisa talvez um pouco pomposa, é na História. Não é na história pessoal de cada um de nós, não; é na história deste país e desse povo que merece muito. Temos que tomar cada decisão nossa pensando no que vai acontecer nas gerações futuras – e já começa a acontecer: muitas vezes, os números apresentados são números do passado que não foram atualizados; e, muitas vezes, aquilo que ainda dizem, que ainda ecoa são restos de vozes que já estão eclipsadas e não têm mais sentido algum.

Já se percebe que, hoje, o Brasil é um país que, quando vai aos foros internacionais, tem o que dizer, tem o que apresentar; não tem nenhum receio de ter havido erros. E há erros. Vamos mudar os erros, e vamos nos empenhar nisso. É por isso que estamos granjeando respeito.

Não somos nem melhores nem piores que ninguém, mas nós queremos ser o que somos, com muita firmeza: um país que realmente tem futuro.

O futuro é o Brasil.

Agradeço a vocês, e muito.